

QUANDO A RAZÃO CAUSA A CRUELDADE

Por Amauri Pollachi

Conceito trazido por Hannah Arendt¹ em que a racionalidade parece se banalizar a ponto de ser empregada contra a própria humanidade, a banalidade do mal se encaixa perfeitamente nos acontecimentos relacionados aos planos de saúde dos aposentados e pensionistas da Sabesp.

Caracteriza-se a banalidade do mal como um grau extremado de racionalização e obediência cega às leis. Assim é quando patrões, empresários ou gestores públicos demitem, subjagam ou humilham pessoas, pois as enxergam apenas como números, não como seres humanos, aplainando a diversidade e coisificando indivíduos plenos de histórias e conteúdos próprios.

Quem está no processo de banalização do mal não se enxerga como o instrumento do mal, pois, invariavelmente, seu processo está assentado sobre uma divisão fordista do trabalho: a cada comando hierárquico ou executor de ordens cabe uma pequena ação destinada ao pleno exercício da razão.

A banalidade do mal também está representada no uso de técnicas e recursos jurídicos que acabam por mascarar a incivilidade e o caráter cruel dos atos. A racionalidade se volta contra a humanidade e não conduz à paz perpétua defendida por Kant². Pois a razão não é somente construtiva: também se presta à destruição, às técnicas de extermínio. A razão que não reflete sobre o próprio pensamento é vazia, absolutamente desprovida de alma, de sensibilidade.

Hoje, na Sabesp, cidadãos comuns, investidos de poderes hierárquicos muito bem definidos, exercem cada qual a sua função para converterem milhares de pessoas em dados. Dados que devem ser expurgados em nome da pureza exigida pela razão supremacista do mercado.

Balancos anuais não devem carregar sequer uma linha de reconhecimento ou amparo à força de trabalho que os mantiveram azuis durante décadas: precisam eliminar e reduzir a cinzas ex-funcionários. Agora são apenas números frios, esqueletos que prejudicam o valor de mercado da empresa, sua única razão de ser.

Empresas são organizações de pessoas. A Sabesp, de forma geral, durante largo período de seus 47 anos de vida dedicou-se a valorizar as pessoas que constituem ou constituíram essa grande corporação. Ao quebrar pactos, aumentar valores desmedidamente, impor regras aviltantes, fixar prazos inexecutáveis, bloquear diálogos e desconsiderar a pandemia que assola este país, os cidadãos comuns, ora trajados com o uniforme do poder na Sabesp, exercem a banalidade do mal sobre milhares de pessoas, outrora imprescindíveis para a ostentação de balanços e resultados premiados!

Milhares de aposentados e pensionistas estão em situação de pânico e absoluta intranquilidade, com evidentes consequências para dentro de suas famílias. Mais que nunca, a empresa deveria fazer prevalecer a condução da razão para o bem, apartando-se da ganância e da avareza que preside o deus-mercado.

Entretanto, lamentavelmente prevalece uma Sabesp conduzida por pessoas desapercibidas de serem instrumentos da banalização do mal.

¹ Soukui, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. UFMG, 1998.

² Ramirez. Paulo N. *Banalidade do mal: quando a razão causa a barbárie*. Disponível em: <https://youtu.be/AzRzJZQMBuw>